

## 2. SEMIÓTICA OU TEORIA DOS SIGNOS

### 2.1 Signo: etimologia

origem grega / latina

R. B.  
L. B.  
S. M.  
S. M.  
Pelo menos hipoteticamente, a palavra signo, através do latim "signum", vem do étimo grego sec-nom, raiz do verbo "cortar", "extrair uma parte de" (naquele idioma) e que deu, em português, por exemplo, secção, seccionar, sectário, seita e, possivelmente, século (em espanhol, "siglo") e sigla. / Do derivado latino são numerosas, e expressivas, as palavras que se compuseram em nossa língua: senal, sina, sino, senha, sineta, insígnia, insigne, desígnio, desenho, aceno, significar etc. Semais.

A raiz primitiva parece indicar que "signo" seria algo que se referisse a uma coisa maior do qual foi extraído: uma folha em relação a uma árvore, um

dente em relação a um bicho etc. Nesta acepção, "signo" apresentaria um estreito vínculo com duas das mais usuais dentro das chamadas *figuras de retórica*: a *metonímia* (pela qual se designa um objeto por uma palavra designativa de outro: "Dez velas singravam a baía") e a *sinédoque* (pela qual se emprega a parte pelo todo, o todo pela parte etc.: "Vi passar por mim dois olhos maravilhosos"). Claro que as figuras de retórica são aplicáveis também às linguagens não-verbais: na publicidade, na dança, na decoração, no cinema, na televisão etc.

Mas o que me parecem tentadoras são as relações que se podem estabelecer entre *desenho*, *designio* (tão patentes na palavra inglesa "*design*") e *significado*, pois essas relações parecem confluír para o entendimento de "signo" como "projeto *significante*", como "projeto que visa a um fim *significante*". Considere-se, por exemplo, no campo do desenho industrial, o protótipo como signo (desenho, propósito, significação), para se constatar que não é arbitrário estender ao mundo dos produtos industrializados a visão da linguagem, ainda mais que *desenho*, *propósito* e *significação* podem emparelhar-se, pela ordem, aos níveis *sintático*, *semântico* e *pragmático* do signo, cuja explanação veremos mais adiante.

### 2.2.1 Definição

De qualquer forma, convém reter a idéia de signo enquanto alguma coisa que substitui outra. Assim procede Charles Morris, um dos estudiosos da linguagem ao nível do comportamento, baseado nas experiências de Pavlov sobre os reflexos condicionados. Assim como o toque de uma sineta, paulatinamente, vai provocando, num cachorro, uma seqüência de reações semelhantes à que antes lhe provocara a visão do alimento (ao qual o toque fôra condicionado), assim um signo pode ser definido como tóda coisa que substitui outra, de modo a desencadear (em relação a um terceiro) um complexo análogo de reações. Ou ainda, para adotar a definição do fundador da Semiótica, Charles Sanders Peirce (1839-1914): signo, ou "representame" é tóda coisa que substitui

outra, representando-a para alguém, sob certos aspectos e em certa medida.

### 2.2 Semiótica, Semiologia, Estruturalismo

Peirce, filósofo, lógico e matemático norte-americano, foi o primeiro a tentar uma sistematização científica do estudo dos signos, com o trabalho que levou o título *Logic as Semiotic: The Theory of Signs* ("Lógica enquanto Semiótica: A Teoria dos Signos"), composto de artigos que escreveu entre 1893 e 1910. Sua vasta obra, versando sobre diversíssimos tópicos, só recentemente começou a ser compilada e reconhecida, esparsa que se encontrava sob a forma de artigos, comunicações e manuscritos; é a êle que se deve, aliás, a cunhagem da palavra *pragmatismo*, que, com William James e Dewey, iria caracterizar, em boa parte, o pensamento e o comportamento americanos. Mesmo assim, sua obra vem inseminando o pensamento e os métodos de numerosos estudiosos de primeira plana, entre os quais Morris, Ogden, Richards e Roman Jakobson ("formalista" russo, hoje radicado nos Estados Unidos, o mais eminente criador-representante da *Linguística Estruturalista*).

Na Europa, os estudos sobre signo e linguagem vêm ganhando grande impulso, de uns anos a esta parte, especialmente graças ao trabalho desenvolvido pela École Pratique des Hautes Études (Centre d'Études de Communications de Masse), de Paris, que edita a revista *Communications*, onde se destacam, entre outros, Roland Barthes e Edgar Morin; na Itália, Umberto Eco segue a mesma orientação, que se funda na *Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, cujo pensamento se enfecha no "*Cours de Linguistique Générale*", que ministrou na *Universidade de Genebra* entre 1906 e 1911 e que foi compilado por alguns de seus alunos. Na Europa, a Semiótica é chamada de *Semiologia* e se apresenta fortemente vincada pelo *parti pris* linguístico de suas origens, como se pode observar pela nomenclatura de suas principais noções: *denotação* e *conotação*, *significante* e *significado*. Porém, mesmo no setor da *Linguística Estruturalista*, um Roman Jakobson não oculta suas preferências por

Peirce, cujo orientação também acolhemos. Cumpre ainda anotar que, ao contato da Linguística Estrutural, desenvolveu-se a Antropologia Estrutural, cujo principal representante, Lévi-Strauss, tem particular importância para nós, brasileiros: sua obra, *Tristes Trópicos*, contém estudos, hoje clássicos, sobre os nossos índios.

### 2.3 Classificação dos signos quanto ao referente

Em relação ao referente, ou seja, à coisa a que se refere ou designa, o signo pode ser classificado em:

a. Index ou Índice, quando mantém uma relação direta com o seu referente, ou a coisa que produz o signo. Exemplos: chão molhado, indício de que choveu; pegadas, indício de passagem de animal ou pessoa; uma perfuração de bala; uma impressão digital etc.

b. Ícone, quando possui alguma semelhança ou analogia com o seu referente. Exemplos: uma fotografia, uma estátua, um esquema, um pictograma.

c. Símbolo, quando a relação com o referente é arbitrária, convencional. As palavras, faladas ou escritas, em sua maioria, são símbolos. Quando eu pronuncio os fonemas correspondentes a *mesa*, por exemplo, o som complexo que emito designa um determinado objeto por convenção estabelecida (embora muito se possa discutir sobre a genética morfológica desse tipo de signos). Já a palavra escrita, desenhada — *mesa* — que representa aqueles fonemas, inclui-se entre os símbolos por se tratar do signo de um signo, como observa Charles Morris.

De outra parte, claro é que certos signos participam de uma natureza dupla, e até tripla. Um exemplo é a cruz, a cujo significado icônico primeiro (instrumento de tortura) se superpõe um referente simbólico dominante (símbolo do cristianismo); uma impressão digital é um signo de tipo indicial-icônico, mas participa também do símbolo quando utilizada, por exemplo, como marca de uma empresa gráfica.

28

Cruz — ícone (tortura)  
— símbolo (cristianismo)

Nos sistemas verbais ocidentais (palavras), de natureza simbólica, como vimos, fazem exceção certas palavras ou conjuntos de palavras que buscam imitar complexos sonoros naturais ou artificiais (vozes de animais, ruídos de máquinas etc.): são as chamadas palavras onomatopaicas, que participam também do ícone.

Para concluir este tópico, convém observar que a nomenclatura aqui adotada sofre variações conforme os autores, mesmo os da tradição anglo-saxônica (para não falarmos dos que se prendem à vertente saussuriana). Suzanne K. Langer, por exemplo, chama de senal ao que aqui denominamos índice ou índice; nesta mesma acepção, aliás, a utilizamos em português: “rua molhada, sinal de que choveu”. De nossa parte, reservamos a palavra senal para designar a manifestação física, concreta, de um signo.

### 2.4 Níveis do signo

Um processo signico pode ser estudado em três níveis:

sintático, quando se refere às relações formais dos signos entre si;

semântico, quando envolve as relações de significado, entre signo e referente (é o nível denotativo, do significado primeiro ou léxico, ou seja, já consignado em dicionário ou código);

pragmático, nível que implica as relações significantes com o intérprete, ou seja, com aquele que utiliza os signos (em termos lingüísticos, é o nível da conotação, dos significados deflagrados pelo uso efetivo do signo).

É preciso notar que, no uso corrente, a Semântica, disciplina que estuda os significados, abrange também o nível pragmático.

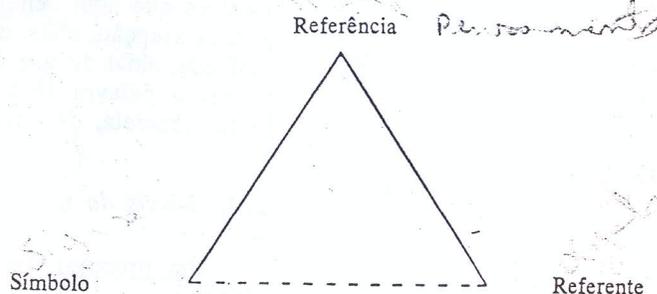
### 2.5 Intérprete e “interpretante”

Embora a expressão peirceana interpretant seja usualmente traduzida por “intérprete”, convém escl-

29

recer que interpretante não designa tão somente o intérprete ou usuário do signo, mas antes uma espécie de Supersigno ou Supercódigo, individual ou coletivo, que reelabora constantemente o seu repertório de signos em confronto com a experiência, conferindo aos signos, em última instância, o seu significado real, prático. O interpretante, assim, não é uma "coisa", mas antes o processo relacional pelo qual os signos são absorvidos, utilizados e criados.

## 2.6 A questão do significado



O esquema acima, de Ogden e Richards, constitui uma simplificação da relação triádica estabelecida por Peirce para os signos em geral: a idéia de "referência" ou "pensamento" absorve as idéias de "interpretante" e "base". Ogden e Richards o estabeleceram principalmente tendo em vista o problema do significado nos signos verbais: a linha pontilhada indica que não há ligação direta entre o signo e o referente, ou melhor, que a relação é apenas convencional e que só adquire significado em função do intérprete. Embora os signos de natureza analógica (indiciais e icônicos) não se enquadrem perfeitamente nessa situação, não há dúvida que esta pode ser estendida também a eles, uma vez que o problema do significado fica claramente definido como uma função do intérprete. Ou, como diria Carnap: "o significado é o uso".

Já Korzibsky, fundador da Semântica Geral, preocupou-se em estabelecer uma escala dos graus de abstração do signo, visando "dar um sentido mais puro às palavras da tribo" (Mallarmé):

Graus de abstração

1. acontecimento espaço-temporal (estrutura atômica ou relações estruturais do objeto);
2. o objeto (referente)
3. o signo ou rótulo que designa o objeto
4. descrição do objeto
5. inferências da descrição
6. outras inferências e abstrações

Para Korzibsky, não confundir os graus de abstração — saber em que grau de abstração se está falando — constitui a medida saneadora básica para se atingir o significado preciso na utilização dos signos, impedindo, em primeiro lugar, que confundamos o signo com o seu referente e, em segundo lugar, que sejamos levados a prestar indevida atenção ao discurso vazio e ao blá-blá-blá. Outra medida prática proposta por Korzibsky nesse sentido é a de apor a devida data ao nome próprio de uma pessoa, cujo pronunciamento estivermos citando (Getúlio Vargas, 1930: "Façamos a revolução antes que o povo a faça"), a fim de evitarmos a tendência a considerar uma personalidade (ou uma fase da história) como um todo único, coerente e não-contraditório. Engenheiro, matemático, semanticista e conde polonês, naturalizado norte-americano, Korzibsky, em seu trabalho básico (*Science and Sanity*, 1933), denuncia a lógica aristotélica, declarando que todos os assuntos devem sempre terminar em aberto, com um *etc.* E este é justamente o nome da revista publicada trimestralmente pela Sociedade Internacional de Semântica Geral, cujo presidente é S. I. Hayakawa. Em trabalho recente (*Le langage et la société*, Gallimard, 1966), Henri Lefebvre ataca duramente os Korzibskyanos, especialmente Hayakawa e Stuart Chase, acusando-os de transformarem a Semântica Geral numa panacéia para todos os males do mundo.

## 2.7 Texto e contexto

Embora a palavra *texto* tenha como referente "conjunto verbal", podemos estendê-la aos signos em geral, definindo texto como um processo de signos que tendem a eludir seus referentes, tornando-se re-

ferentes de si mesmos e criando um campo referencial próprio. Assim entendido, o texto se move como uma estrutura sintática, a que comumente chamamos de "forma". Por *contexto*, entendemos um processo de signos cuja coerência ou unidade é suscitada diretamente pelo referente (coisa ou situação a que os signos se referem). Estaríamos aqui mais dentro do nível semântico-pragmático, a que ordinariamente chamamos de "conteúdo". Claro que a demarcação entre os níveis só é nítida para efeitos de metalinguagem crítica e analítica; na realidade concreta, os níveis se interrelacionam isomórficamente (*isomorfismo* = processo de identificação fundo-forma). Um exemplo interessante da passagem de um *contexto* para um *texto* é o poema "O nome em si", de Manuel Bandeira, que transcrevemos:

Antônio, filho de JOÃO MANUEL GONÇALVES DIAS e  
 VENÂNCIA MENDES FERREIRA  
 ANTÔNIO MENDES FERREIRA GONÇALVES DIAS  
 ANTÔNIO FERREIRA GONÇALVES DIAS  
 GONÇALVES DUTRA  
 GONÇALVES DANTAS  
 GONÇALVES DIAS  
 GONÇALVES GONÇALVES GONÇALVES  
 GONÇALVES  
 DIAS DIAS DIAS DIAS DIAS  
 DIAS GONÇALVES  
 DIAS GONÇALVES  
 GONÇALVES, DIAS & CIA.  
 GONÇALVES, DIAS & CIA.  
 Dr. ANTÔNIO GONÇALVES DIAS  
 Prof. ANTÔNIO GONÇALVES DIAS  
 EMERENCIANO GONÇALVES DIAS  
 EMERILDO GONÇALVES DIAS  
 AUGUSTO GONÇALVES DIAS  
 Ilmo. e Exmo. Sr. AUGUSTO GONÇALVES DIAS  
 GONÇALVES DIAS  
 DIAS GONÇALVES  
 GONÇALVES DIAS

Pelo processo que êle próprio denominou de *desconstelização*, Manuel Bandeira vai escoimando do nome "Gonçalves Dias" todo o seu "conteúdo", para reduzi-lo simplesmente ao nome de alguém porventura chamado Gonçalves Dias. O processo utilizado é o da repetição, da redundância, afetado por "distúrbios" informacionais (inversão de nome e sobrenome, acidentes de grafia, formas de tratamento etc.), de modo a produzir algo assim como uma fenomenologia por mesmerização, hipnótica e alienante. No fim desse processo fenomenológico, resulta o nome "Gonçalves Dias", limpo, perante apenas si mesmo.

## 2.8 Anedota exemplar

O significado é uma relação entre o interpretante do emissor e o interpretante do receptor; é uma função dos respectivos "repertórios", confrontados na prática efetiva dos signos. A seguinte historietta ilustra o fenômeno: Um garoto recém-alfabetizado costumava passar, em companhia da irmã, já ginásiana, em frente a um edifício onde se lia "Escola de Arte". Intrigado, perguntou à irmã: "Escola de arte... que é isso?" E a irmã: "Escola de arte... onde se ensina arte". E êle: "Puxa!... Deve ser uma bagunça!" Para êle, "arte" significava "molecagem", "peraltice", de acôrdo com o repertório que lhe forneciam os ralhos da mãe ("Esse menino vive fazendo arte").

## 2.9 Condicionamento e signo-síntese

As ilustrações de que agora trataremos fazem parte de uma série compilada por meus alunos (3.º ano) de Teoria da Informação, da Escola Superior de Desenho Industrial, da Guanabara, em 1965, e destinada a mostrar o processo de formação dos signos, por condicionamento.

A primeira figura reproduz um anúncio através do qual uma empresa financiadora lançou seus títulos (letras de câmbio) no mercado. Nada é especificado sobre as relações semânticas entre o signo icônico do tigre e a questão das letras de câmbio: o condiciona-

Exemplo de publicidade  
(na estrutura) D tigre =  
correlação ao  
anúncio

- Contigüidade  
- mesmo  
- Semelhança



**LETRAS  
LETRAS  
OU  
LETRAS?**



Primeira  
omissão de  
empresário



**CONTE COM ÊLE  
NA BÔLSA DE  
VALORES**

Atento, vigilante, extremamente ágil e vigoroso, o perito da Invesco é o seu mais autêntico representante na Bôlsa de Valores.

**VOCÊ PODE CONTAR COM**  
**INVESCO S.A.**  
INVESTIMENTOS e CRÉDITO  
FINANCIAMENTO  
Av. Graça Aranha, 145 - Sobrelaje  
Tels.: 42-1764 e 22-3533 - Rio - G.B.  
Carta de Autorização da Sumoc N.º 67

Segunda omissão  
de empresa  
primeira omissão



*Orbo*  
*Fero*

o anúncio  
&  
shopping

**GRRRRRRRRRRRR!**

\* (tradução: a ordem é estraçalhar preços altos)

A FEIRA CONTINUA UMA FERA EM COPACABANA, arrasando preços altos, reduzindo tudo abaixo do custo. Um festival de preços super-populares em artigos de PRIMEIRA QUALIDADE. Visite VOCÊ TAMBÉM, e leve SUA FAMÍLIA, porque o negócio é CHEGAR E LEVAR. MILHARES DE PESSOAS JÁ COMPRARAM. NÃO PERCA ESTA OPORTUNIDADE!

## FEIRA DE LIQUIDAÇÕES

(No Shopping Center Cidade de Copacabana, rua Siqueira Campos 143 - perto do túnel velho) ABERTA DAS 15 ÀS 23 HORAS, SÁBADOS E DOMINGOS DAS 0,9 ÀS 23 HORAS.

mento, a contaminação, no entanto, se faz formalmente, vale dizer, sintaticamente, por contigüidade (ou proximidade) e por semelhança. Contigüidade: presença do signo-tigre e da mensagem verbal num mesmo espaço delimitado. Semelhança: o signo "LETRAS", em desenho vazado, repetido três vezes, se deixa contaminar pelo rajado branco-cinza-prêto da pele do animal. No segundo anúncio, já se fornece o vocabulário, a chave léxica com o fito de identificar o tigre com o corretor da empresa: "Conte com êle na Bôlsa de Valores — Atento, vigilante, extremamente ágil e vigoroso

so, o perito da Invesco é o seu mais autêntico representante na Bôlsa de Valores". A originalidade da campanha parece ter provocado um impacto bastante forte, pois seu processo foi logo imitado, extrapolando para outros setores e sempre dentro da mesma faixa-linguagem zoológica... Um *shopping center* de Copacabana apelou para a onça, cujo rosar codificado comparece afetado por um asterisco, que remete à "tradução": "a ordem é estraçalhar preços altos". Observe-se que, mesmo ao nível verbal, comparece uma articulação de natureza analógica, um vínculo sintático por meio da figura de retórica chamada "paronomásia" (no caso, semelhança dupla: fonêmica e visual): "A feira continua uma fera". A paronomásia, que comanda a formação dos trocadilhos, não é apenas uma figura de retórica: é um processo básico da sintaxe analógica em qualquer linguagem. E só por aqui se pode pautar o grau de ignorância de nossos críticos literários, que tendem a torcer o nariz à vista de um trocadilho numa obra literária...

No caso acima descrito, um signo icônico se transfaz em símbolo-síntese de uma mensagem complexa; a denotação, ou seja, o referente léxico primeiro, é dominado pelos referentes segundos, pela conotação pragmática e convencionalmente arbitrada (projetada). Mas a originalidade do processo em si (projetado ou "natural") reside no fato de se tratar de um processo elementar, primário e primordial, fundamental e fundante; inerente à própria estrutura da linguagem.

#### 2.10 Para os mais curiosos e/ou interessados

Examinar a ocorrência do processo: 1. nas vinculações música/texto: árias, canções, hinos, *jingles* etc. (semantização melódica); 2. nas marcas de indústria; 3. no *Canto 97*, da série "Thrones", de Ezra Pound, onde a pictografia reduzida de um templo (três hastes verticais sobre uma horizontal) comparece vinculada à expressão "O templo é sagrado porque não está à venda", para surgir adiante, isolado, depois de havê-la absorvido; 4. nos símbolos-síntese ideológicos, como a cruz e os pavilhões nacionais; 5. nos poemas

concretos não-verbais ou semióticos (v. revista *Invenção*, n.º 4, dezembro de 1964); 6. na re-sensibilização da memória e na "recuperação da informação" (passado) ao contato de um simples chá-com-bolachas, em Marcel Proust, *Em Busca do Tempo Perdido* — No Caminho de Swann, Cap. I, Combray.